

# A POÉTICA DA RELAÇÃO NA OBRA DE CONCEIÇÃO LIMA

## THE POETICS OF RELATION IN CONCEIÇÃO LIMA'S WORK

*Élen Rodrigues Gonçalves<sup>1</sup>*

*Prisca Agustoni de Almeida Pereira<sup>2</sup>*

---

### RESUMO

O presente artigo propõe um estudo da obra poética de Conceição Lima, escritora natural de São Tomé e Príncipe, à luz da Poética da Relação de Édouard Glissant (2005). Será analisada a forma como a poeta se auto define em meio às multiplicidades culturais em movimentos de diáspora, que lhe permite realizar um olhar crítico sobre sua terra natal, ao mesmo tempo em que lhe possibilita criar simbolicamente novas comunidades. Na sociedade multicultural, o sujeito torna-se híbrido, e os discursos dominantes e pretensamente homogeneizantes passam a ser contestados. Por isso, é insustentável hoje pensar em uma identidade nacional que seja pura e de raiz única, visto que o mundo se criou e se criam microclimas culturais e linguísticos inesperados. Lugares nos quais a repercussão da sobreposição das culturas é abrupta e imprevisível, predominando na totalidade-mundo, para Édouard Glissant (2005), a realidade crioula, sempre ao encontro de outras raízes e capaz de revelar a Utopia necessária – o povo que falta – a fim de esfacelar as concretudes e fazer emergir o micro, o uno, o múltiplo e o inextricável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceição Lima. Literatura Feminina. Escritas de Gênero. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Poesia de São Tomé e Príncipe.

## ABSTRACT

The current article aims to study the poetic work of Conceição Lima, a writer from São Tomé and Príncipe, under the readings' perspective of Édouard Glissant's (2005) *Poetic of Relation*. An analysis will be performed over the way a poet self-defines in the midst of cultural multiplicities in diaspora movements, which enables the poet to turn a skeptical look on his homeland, at the same time as it raises the possibility of symbolically creating new communities. In the multicultural society, the subject becomes a hybrid, and the dominant and supposedly homogenizing discourses start being disputed. Therefore, this why it is unsustainable, nowadays, to think of a national identity as pure and unique in nature, as the world is creolized and unexpected cultural and linguistic microclimates are created. Places where repercussion of the overlapping cultures is abrupt and unpredictable, predominating in the totality-world, for Édouard Glissant (2005), the creole reality, constantly resembles with other origins and is capable of disclosing the essential Utopia - the missing people - in order to wreck certainties and to make the micro, the unique, the multiple and the inextricable emerge.

**KEYWORDS:** Conceição Lima. Female Literature. Gender Writings. African Literatures of Portuguese Language. Poetry of São Tomé and Príncipe.

Poeta e jornalista, natural de São Tomé e Príncipe, Conceição Lima presenciou, em sua infância, o período de grandes transformações políticas e históricas, reivindicadas pelo seu continente, em nome do resgate de uma identidade e uma liberdade que, ao longo dos séculos, pensara-se haver sido perdida. Considerada uma das vozes mais significativas da literatura feminina africana atual, a obra poética de Conceição configura um duplo processo de rememoração e reconexão com o passado: ora revisita o presente para ressignificá-lo, ora volta-se para a própria juventude e sua família, ora recupera algum acontecimento da História em perigo de ser esquecido pelas dobras do tempo.

Em suas obras *O útero da casa* (2004), *A dolorosa raiz do Micondó* (2012) e *No país de Akendenguê* (2011), é possível entrever em sua poética um latente entrelugar. Em outras palavras, se, em um primeiro momento, é possível reconhecer em seus poemas as ilhas de São Tomé e Príncipe, faz-se também logo presente a imagem de outros países do continente africano cujas histórias de dor e luta se assemelham. Em sua escrita, podem-se reconhecer fissuras de uma sociedade que, estacionada em machismos e preconceitos, configura-se a partir de uma necessidade de renegociação de identidades, considerando que, nas palavras de Carole Boyce Davies, “a renegociação de identidades é tão fundamental para a migração como é fundamental para a escrita de mulheres Negras em contextos multiculturais” (1994, p. 3, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Na obra *Black Women, Writing and Identity*<sup>4</sup> (1994), Carole Boyce Davies acredita que a convergência de multiplicidades culturais contribui para renegociar as experiências, bem como as identidades de mulheres negras. Por isso, Davies propõe um debate sobre os lugares de convergências por meio da análise da construção das subjetividades femininas, a fim de explorar como as mulheres negras renegociam as questões relacionadas às identidades, de forma que sobressai o universal e o coletivo, ao mesmo tempo em que espelha o individual. Pela perspectiva de Davies, pode-se notar que a obra de Conceição Lima ultrapassa as fronteiras geográficas e nacionais – ou mesmo étnicas –, visto que a realidade hodierna é fundamentalmente transnacional, multicultural e diaspórica.

De caráter autobiográfico, no poema “Canto obscuro às raízes” (2012, p. 11- 18), o primeiro da obra *A dolorosa raiz do Micondó*, o eu individual confunde-se com o eu universal no momento em que a dor carregada pelo eu poético iguala-se à de qualquer africano que parte em busca de suas raízes obscurecidas pelo passado e que não são facilmente averiguadas:

Em Libreville  
não descobri a aldeia do meu primeiro avô.

Não que me tenha faltado, de Alex,  
a visceral decisão.  
Alex, obstinado primo  
Alex, cidadão da Virgínia  
que ao olvido dos arquivos  
e à memória dos griots Mandinga  
resgatou o caminho de Juffure,  
a aldeia de Kunta Kinte –  
seu último avô africano  
primeiro na América.

Digamos que o meu primeiro avô  
meu último continental avô  
que da margem do Ogoué foi trazido  
e à margem do Ogoué não tornou decerto  
[...]  
(LIMA, 2012, p. 11)

Em busca de suas origens, o eu poético lembra-se do primo afro-americano Alex que perquire, obstinado, suas raízes. Trata-se de uma alusão ao autor Alex Haley, autor de *Negras Raízes* (s/d), cujo personagem principal – Kunta Kinte – teria sido, na verdade, seu “primeiro avô”, isto é, aquele que lhe legara a afro-descendência, mas não se pode confirmar essa veracidade.

Sem o auxílio de documentos e arquivos históricos, o escritor afro-americano parte para a Gâmbia e, “à memória dos griots Mandinga / resgatou o caminho para Juffure, / a aldeia de Kunta Kinte” (LIMA, 2012, p. 11). Semelhante a esse empreendimento no qual o escritor tem a oportuni-

dade de investigar a fundo sua ancestralidade africana, o eu poético relata a sua procura sobre a origem de seu “primeiro avô”, que fora levado, à força como tantos outros, do Gabão a São Tomé e Príncipe. Em contrapartida, ao não descobrir a aldeia de seu antepassado, o eu poético lamenta:

[...]  
O meu oral avô  
não legou aos filhos  
dos filhos dos seus filhos  
o nativo nome do seu grande rio perdido.

[...]  
São assim os rios das minhas ilhas  
e por isso eu sou a que agora fala.

Brotam como atalhos os rios  
da minha fala  
e meu trazido primeiro avô  
(decerto não foi Kunta Kinte,  
porventura seria Abessole)  
não pode ter inventado no Água Grande  
o largo leito do seu Ogoué.

[...]  
(LIMA, 2012, p. 12- 13)

Nota-se que o eu poético feminino, à procura de sua ancestralidade, descobre a relação com seus antepassados submetidos ao processo de diáspora devido à escravidão.

Acredita-se que, até meados do século XV, as ilhas de São Tomé e Príncipe eram sequer habitadas, sendo povoadas, mais tarde, por portugueses e seus escravos, trazidos de outras regiões do continente africano para constituírem mão-de-obra em plantações de cana-de-açúcar. No artigo “As línguas de São Tomé e Príncipe” (2009), o estudioso Tjerk Hagemeijer explica ter havido a existência de dois movimentos distintos na ocupação das ilhas ao longo dos séculos: o primeiro deles deu-se por um caráter de povoamento, em 1493, quando se investiu na produção das *plantations* de cana-de-açúcar; o segundo ocorreu entre os séculos XV e XVI, quando o ciclo da cana-de-açúcar entrou em crise. Conhecidas também como ilhas de degredo, São Tomé e Príncipe recebera, no primeiro período da colonização de Portugal, muitos criminosos desterrados de seu país, além de outras partes do continente: “assim também o degredo de São Tomé e Príncipe passou a ser uma punição legal de indígenas das colônias portuguesas do continente africano” (MACEDO, 2011, p. 11)<sup>5</sup>. Os processos de colonização dessas ilhas, segundo Russell G. Hamilton, “vieram a constituir uma diáspora africana cujos habitantes falavam e ainda falam, crioulos de base portuguesa, em vez das línguas indígenas do continente, e receberam nomes cristãos proferidos pelos colonialistas” (2006, p. 259- 260). São Tomé e Príncipe é, portanto, desde sua formação, um local não só de trânsito e de passagens, mas sobretudo de encontro de elementos culturais e de outros horizontes que se crioulizam.

Sobre a efervescência da diversidade que produz algo novo e imprevisível, Édouard Glissant chama de “realidade crioula” (2005, p. 17), termo cujo sentido revela que a identidade de um ser não pode mais ser exclusiva, uma vez que, se o mundo se crioula, criam-se microclimas culturais e linguísticos inesperados, lugares nos quais a repercussão da sobreposição dessas culturas é abrupta. No processo de crioulação, há uma intervalorização desses elementos heterogêneos e, quando colocados em relação, não há degradação, tampouco diminuição de um ser quando em contato com outro.

Depreende-se, portanto, que, desde o princípio de sua colonização, as ilhas constituíram por muito tempo um local de fronteira de culturas, línguas, identidades, raças que se encontraram e interagiram de tal forma que, hoje, pelo fato de não só o país, mas o continente, ser um produto de separações e deslocamentos, cria-se uma necessidade urgente de reconectar e rememorar os elos perdidos da História, artifício produzido com delicadeza por Conceição Lima:

[...]

Eu, a que em mim agora fala.

Eu, Katona, ex-nativa de Angola

Eu, Kalua, nunca mais em Quelimane

Eu, nha Xica, que fugi à grande fome

Eu que libertei como carta de alforria

este dúbio canto e sua turva ascendência.

[...]

Eu que em Libreville não descobri a aldeia

do meu primeiro avô

meu eterno continental avô

Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure

Eu, a nômada que regressará sempre a Juffure.

(LIMA, 2012, p. 18- 19)

Analisar as complexidades que os movimentos diaspóricos constroem sobre os pensamentos de identidade e nação em meio a uma modernidade globalizada é importante para compreender como “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2009, p. 26), uma vez que diferentes etnias e identidades, quando em contato, emergem no ambiente, identificando-se entre si. Por isso, no poema, o eu poético, que pode ser identificado pela própria poeta, assume também múltiplas subjetividades: o “eu” é não só a poeta – como se pode ver claramente no excerto “(...) e nascida a 8 de Dezembro / tenho de uma madona cristã o nome” (LIMA, 2012, p. 17) – como também é o santomense, toda mulher, todo homem, africano, comprometido pela busca obscura de suas raízes cujo rastro perdeu-se há muito.

Ao fim, o eu “peregrina” e o eu “nômada” que concluem o poema prenunciam uma espécie de redefinição geográfica que, por caráter, é desterritorializante. Se, pelos adjetivos, nota-se que o “eu” do poema não

reconhece um local onde ele possa assentar suas raízes, na medida em que elas foram esquecidas, resta-lhe, então, o exílio, a diáspora. Contudo, posto que não tenha encontrado o caminho para Juffure, a nómada permanece voltando a ele. Esse incessante regresso do eu poético evidencia que, embora haja uma inexistência espacial que o impeça de encontrar a aldeia de seu “primeiro avô”, a ancestralidade temporal de suas raízes permanece, uma vez que, na intangibilidade do tempo, é possível percorrer os caminhos de nossos ancestrais e encontrá-los em nós mesmos.

## ESCRITA DE IDENTIDADE / ESCRITA NO FEMININO

Lançar um olhar poético sobre as ilhas de São Tomé e Príncipe implica abordar o par dilemático escrita de identidade / escrita no feminino sob a égide da obra de Conceição Lima, na intenção de constatar a urgência com que a mulher escritora, nos países africanos de língua portuguesa, procura assumir uma escrita que, mesmo repleta de intimismo, revela-se comprometida com questões do universo feminino, por representar a voz da mulher silenciada, durante séculos, pelas fortes tradições e por regimes repressores.

Vale ressaltar que, quando se fala em escrita no feminino, não necessariamente se quer dizer que ela seja feminista. Quer-se afirmar, na verdade, que, em Conceição Lima, a produção no feminino perpassa por questões de identidade, nação, relações de poder, as quais se encontram em constante processo de resignificação, de tal forma que essa dilemática pretende aprofundar-se especialmente em pontos cuja necessidade é, nas palavras de Carole Boyce Davies, ler a escrita de mulheres negras “como uma série de cruzamento de fronteiras e não como uma fixa, geográfica, categoria étnica ou nacional de escrita” (1994, p. 4, tradução nossa)<sup>6</sup>. Esse outro olhar permitiria redefinir a escrita de identidade, uma vez que qualquer barreira de exclusão ou marginalidade seria suplantada pela escrita no feminino.

Ao tomar consciência de seu poder, a mulher escritora tem a capacidade de transformar-se e reproduzir na arte a “Utopia” de que fala Édouard Glissant, na obra *O pensamento do tremor* (2014). Para o autor, a Utopia é o que nos falta no mundo: “é inventar um povo que falta” (2014, p. 26), a fim de esfacelar as suas concretudes, fazendo emergir o micro, à medida que, em meio a uma sociedade estandardizada, controlada pelo ultra liberalismo selvagem dos mercados mundiais, urge a necessidade de projetar-se para algo que seja, ao mesmo tempo, uno, múltiplo e inextricável. Contudo, para que isso ocorra, é preciso engendrar uma reflexão que difira de um pensamento que aja de acordo com o sistema. Esse pensamento seria chamado, por Glissant, de “pensamento do tremor” (2014, p. 22), que estaria ligado a uma espécie de *flanêury* cultural que contaminaria todas as culturas, seja na música, na língua, na literatura, a fim de repensar a concretude do mundo a partir da emergência de todos os sentidos. Para o autor, o pensamento do

tremor nos uniria “na absoluta diversidade, em um turbilhão de encontros. Ele é a Utopia que nunca se fixa e que se abre amanhã: como um sol ou um fruto compartilhados” (GLISSANT, 2014, p. 41).

Pensar a literatura feminina africana atual, portanto, significa pensar como a escrita dessas mulheres ultrapassa fronteiras geográficas que haviam sido construídas para manterem esse “deslocamento” no lugar. Nesse sentido, há ao menos um caminho que sustenta a literatura de Conceição Lima, bem como a de outras escritoras do arquipélago, ou mesmo do continente africano. Sua poesia não quer representar o lugar marginal que fora delegado às mulheres, pelo contrário, ela tenciona habitar o centro, de forma que, ao escrever sobre a mulher santomense, ou mesmo sobre si, a autora pretende impor na sociedade mundializada, por meio da literatura, o lugar central ao qual a mulher deve, de fato, pertencer. Por isso, em sua escrita, o continente africano aparece travestido pelo mátrio, isto é, pelo corpo feminino: se, por um lado, a força da terra que, a despeito de todas as adversidades, é capaz de fazer germinar, associa-se ao útero feminino, por outro lado, as vagas do Atlântico sem fim assemelham-se os seios maternos e voluptuosos que nutrem os sujeitos em diáspora.

No poema “Kalua”, de *O útero da casa*, o eu poético descreve a imagem de uma escrava cuja identidade nacional é diaspórica:

Teu nome tão breve e tão outro  
Sem nenhum adorno  
Tua voz tão prestes, tão pouca no Budo-Budo  
Tua saia de riscado, de pano soldado  
Tua ração de úchua, teu peixe salgado  
Teu jeito de dizer parana em vez de banana

Tuas mãos delgadas, meninas  
Tão mãos, tão servas, multiplicando as horas  
Teu canto de além-mar e de ilha  
Tua estatura anciã na saudade detida

E Magaída, tua filha  
que nunca a Moçambique foi e diz quitxibá.  
(LIMA, 2004, p. 34)

Ao longo do poema, as caracterizações conferidas a Kalua evidenciam que ela é uma das tantas que contribuiu para processo de criouliização do arquipélago no período de colonização das ilhas. Budo-Budo, localidade próxima à cidade São Tomé, é onde ela se encontra, porém os termos “úchua” (pirão de farinha de milho ou de mandioca) e “parana” (banana), originais de Moçambique, evidenciam, quem sabe, o local de origem dessa mulher.

Desde seu povoamento, há seis séculos, São Tomé e Príncipe recebeu um contingente populacional de africanos escravizados vindos de Cabo Verde, Angola, Moçambique, Benin, Gabão, Camarões, Serra Leoa e mesmo Libéria

(HAGEMEIJER, 2009, p. 17), de forma que, desde sua gênese, assiste-se ao nascimento de uma nova espécie de comunidade, originada da totalidade das comunidades do mundo, “realizada através do conflito, da exclusão, do massacre, da intolerância, mas ainda assim realizada” (GLISSANT, 2005, p. 40). Esse encontro de identidades diaspóricas pode ser percebido no poema “Kalua”, do qual se infere que Magaída, sua filha, seria pertencente ao grupo dos tongas, isto é, crioulos nativos nascidos de serviçais. Mestiça, ela não diz “parana” tampouco “banana”, mas sim “quitxibá”, palavra originária do crioulo forro que significa “banana-prata”<sup>7</sup>.

A convergência da língua do colonizador (português) com as marcas de oralidade dos inúmeros dialetos falados nas ilhas parece ser uma questão vivificante para a poeta, uma vez que ela encara duas problemáticas que se interligam: uma delas, relacionada à expressão de sua nação em relação à “totalidade-mundo” (GLISSANT, 2005, p. 40), e a outra, relacionada à expressão dessa nação em busca da confluência de escrita e oralidade coexistentes entre si. A defesa das línguas orais opõe-se à estandardização, uma vez que elas ultrapassam barreiras linguísticas, culturais e passam a ser consideradas ilhas abertas essenciais para a sua sobrevivência. Para Édouard Glissant, essa interface estabelece “uma questão importante, crucial, que nos interroga sobre a questão da transcendência, sobre a questão do absoluto e sobre a questão da Relação e do relativismo em oposição ao absoluto” (2005, p. 42).

Como se pode observar, a relação entre diferentes culturas se dá por meio de choques e encontros que se consubstanciam, para Glissant, no lugar-comum (2014, p. 30) – em oposição ao lugar comum (sem hífen), pertencente à ideologia dominante, aos estilhaços do mundo (violências, fragmentações culturais, etc.) –, por meio do qual seria possível desvelar uma Utopia plausível, cuja imprevisibilidade resultante dos processos de mestiçagens, de crioulições, revelaria nas ilhas seu bem mais precioso, visto que o que permaneceria de múltiplo, uno e inextricável seria a sua diversidade. Em outro poema da mesma obra, intitulado “Os rios da tribo”, a poeta indaga:

Que rios reverberam em nosso leito?  
Quantas tribos injetadas em teu peito?  
Nhá Maria de onde é?  
Nhô Ambrósio nasceu em Água Izé?  
E Katona, Aiúpa, Makolé?  
Silva, Danquá, Cassandra, Camblé...  
Padicê, Mé Pó, Filingwé...  
Quantos nomes fundam transmutam minha frente?  
(LIMA, 2004, p. 38)

Neste poema, como em todos os outros que compõem *O útero da casa*, estabelece-se uma rememoração íntima do passado. Inocência Mata, uma das estudiosas mais significativas da literatura santomense e, especialmente, de Conceição Lima, explica que é como se, “no dealbar de um certo

percurso histórico e pessoal, o tempo funcionasse como estímulo de uma série de circunstâncias que os poemas tornam explícitas” (MATA, 2006, p. 236). A autora acredita que, na obra poética de Conceição Lima, parecem coexistir dois movimentos dinâmicos: o passado e o presente, que transitam entre si em constante revisitação e memorização. Essa dinâmica projetada na poesia tem a finalidade de encontrar os ancestrais que já morreram e a História que precisa ser narrada.

Os rios que reverberam no poema, perdidos no tempo, impossibilitam desvendar a origem das raízes do eu poético, bem como a de todos os que ele evoca. No último verso, os dois verbos significativos “fundam” e “transmutam” ligam o mesmo sujeito ao mesmo complemento: enquanto o primeiro verbo tem a função de edificar, construir a identidade do sujeito, o segundo tem a função de transformá-la.

A narrativa de identidades diaspóricas é frequentemente fundada e transmutada, uma vez que, para Stuart Hall, se uma identidade é “irrevo-gavelmente uma questão histórica” (2009, p. 30), ela é, em suma, diversa e plural. Portanto, se uma cultura é formada essencialmente por um processo de diásporas, ao longo dos séculos, é também impura na medida em que é resultado de uma mistura de culturas, ideias, políticas, pertencimentos nos quais a perspectiva diaspórica, por ser híbrida e sincrética, é também transgressora da tradição.

Mais do que constituir uma continuidade com o passado, a história encontra-se marcada essencialmente por violentas rupturas, especialmente em se tratando de povos cujo nascimento, como se deu em São Tomé e Príncipe, foi marcado pela exploração, escravidão e dependência colonial. Em *Da diáspora* (2009), Stuart Hall afirma ser a distinção de nossa cultura “manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (2009, p. 31). Essa hibridização cultural liga-se, a despeito das diferenças culturais, linguísticas e étnicas dos povos, em um ponto comum: o tráfico de escravos. Em confluência, no poema “Gravana”, de *O útero da casa*, dedicado a outra poeta santomense, Alda Espírito Santo, Conceição canta:

Na nossa terra, amiga, há um tempo  
de silêncio e caules ressequidos  
chega com metacarpos definhados  
quando na úbuá desfalece a trepadeira

Entra com o bafo poeirento  
rarefeitas as unhas, candrezados os ramos  
e ulula de mansinho nos bananais  
como um melancólico aviso

É um tempo de folhas sem orvalho e mem-lôfi  
de pagauês doridos, carentes de leite  
de soturna claridade ao pôr do sol

A fria brisa nos diz que esse tempo virá  
E cobertas de pó  
ficarão as hastes do pilicano  
imolados ao hálito da terra

Será triste o rio e seu nome  
na lonjura do vági

mortas estarão as casas e suas janelas  
morto o suim-suim e seu canto  
morto o macucú e a ubaga velha

A pele de pitangueiras e salambás beberá  
das frutas torrenciais a lembrança  
porque o luchan estará morto  
amiga

Mas a pedra e o fogo  
tua voz de imbondeiro crescerá do barro  
para resgatar a praça em nova festa  
para ressuscitar o povo e sua gesta.  
(LIMA, 2004, p. 50- 51)

Considerando que o vocativo “amiga” seja a própria Alda, poeta que lutou ativamente para a conquista da independência de São Tomé e Príncipe, o eu poético quer revelar uma busca empreendida pela identidade nacional que foi semeada – no período de luta pela libertação colonial na segunda metade do século XX – e quer germinar, apesar da “gravana” (estação da seca) caracterizada pelos “caules ressequidos”, “metacarpos definhados”, “bafo poeirento”, “candrezados os ramos”, entre outros. Por meio desses elementos, depreende-se que nessa estação nada desabrocha.

O silêncio marcado pela aridez e pela morte é potencializado pelas características da natureza santomense que, ao longo do poema, tomam uma forma significativa. O silêncio de que fala o texto não se refere apenas ao climático que, sorrateiro, aproxima-se apropriando-se de cada espaço, deixando a terra e o ar com um vazio profundo e ressequido. Trata-se também do silêncio carregado pela identidade do sujeito exposto a toda forma de exploração, aviltamento, inerente à sua história de luta e dor.

A partir da sexta estrofe, o eu poético anuncia as consequências desse silêncio vindouro, contudo, se, na primeira estrofe, o eu poético escolhe o tempo presente para dizer à sua interlocutora “há um tempo/ de silêncio e caules ressequidos”, tudo leva a crer que em todas as coisas há uma finitude que cessa com o tempo, de modo que a gravana também há de findar. Essa intenção é reafirmada na última estrofe, iniciada pela conjunção adversativa “mas”.

Embora haja um tempo de silêncio anunciado pela fria brisa da estação, haverá também um tempo de esperança, no qual, em meio a pedra e fogo, elementos que podem significar as fortes tradições e costumes dura-

douros, nasceriam do barro, facilmente moldado às próprias mãos, a “voz de imbondeiro” da amiga poeta. Milenar, sagrado e capaz de sobreviver às regiões mais secas da África, o imbondeiro simboliza não só a voz de luta de Alda Espírito Santo, que germina apesar de todas as intempéries e após tantos anos, mas também revela, sobretudo, a voz de todas as mulheres comprometidas social e politicamente com a mudança.

A partir dessas reflexões, pode-se afirmar que a escrita no feminino tem mudado as políticas de sistema a ponto de direcionar debates na sociedade atual cuja finalidade maior é observar e repensar o papel social da mulher. Emergem questões que instigam uma conscientização ainda mais intensa e complexa sobre a subjetividade feminina africana<sup>8</sup> cuja voz aos poucos tem sido ouvida.

## REFERÊNCIAS

CALVÃO, Dalva. Agostinho Neto: Lugar da Poesia em Tempo de Luta. In: SEPULVEDA, Maria do Carmo & Salgado, Maria Teresa (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis, 2006. vol. 1.

DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity*. Migrations of the subject. USA: Routledge, 1994.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Tradução Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2012. p. 33- 156.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. *O pensamento do Tremor*. La cohée du Lamentin. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

HAGEMEIJER, Tjerk. As línguas de São Tomé e Príncipe. In: *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*. n.1, 2009. p. 1- 27. Disponível em: <<http://www.umac.mo/fah/ciela/rcblpe/doc/As%20Linguas%20de%20S%20Tome%20e%20Principe.pdf>>. Acesso em: 14 Jul. 2016.

HALEY, Alex. *Negras Raízes*. A saga de uma família americana. Tradução A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, s/d. Disponível em: <<http://lelivros.xyz/book/download-negras-raizes-alex-haley-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 13 Jul. 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 25- 99.

HAMILTON, Russell G. A dolorosa raiz do Micondó: a voz poética intimista, santomense, pan-africanista e globalista de Conceição Lima. In: *Veredas*. Porto Alegre: Associação Internacional de Lusitanistas. n. 7, 2006. p. 253-265. Disponível em: <[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34534/1/Veredas7\\_artigo19.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34534/1/Veredas7_artigo19.pdf?ln=pt-pt)>. Acesso em: 13 Jul. 2016.

LIMA, Conceição. *A dolorosa raiz do Micondó*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. *O país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Útero da Casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

MATA, Inocência. A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afetivas. *Veredas*: revista da associação internacional de lusitanistas. Porto Alegre. n. 7, 2006. p. 235-251. Disponível em: <[https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34532/1/Veredas7\\_artigo18.pdf?ln=es](https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34532/1/Veredas7_artigo18.pdf?ln=es)>. Acesso em: 01 Maio 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

*Recebido para avaliação em 08/01/20*  
*Aprovado para publicação em 19/06/20*

## NOTAS

1 Mestra em Estudos Literários e especialista em História da África pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, é estudante de doutorado em Estudos Literários pela mesma instituição, na área de estudos de gênero e escritas africanas diaspóricas.

2 Pós-Doutora em Literatura italiana contemporânea pela Università della Svizzera Italiana (USI, 2019) e em Literatura Comparada pela UFMG (2010). Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas (2008), Mestre em Gender Studies (2002) e em Literaturas Hispânicas (2000) pela Universidade de Genebra, onde se formou em Filosofia (1998). É professora do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tem experiência na área de Literatura Comparada, Literatura Italiana, Literatura Africana e teorias da diáspora, literatura e Artes.

3 “the re-negotiating of identities is fundamental to migration as it is fundamental to Black women’s writing in cross cultural contexts”.

4 Mulheres Negras, Escrita e Identidade (tradução nossa).

5 MACEDO, Helder. Prefácio. In: LIMA, Conceição. *No país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011. p. 7- 19.

6 “as a series of boundary crossings and not as a fixed, geographical, ethnically or nationally bound category of writing”.

7 As designações dessas palavras foram retiradas do Glossário (LIMA, 2004, p. 61- 64) que compõe o final do livro *O útero da casa*, de Conceição Lima.

8 Embora saibamos que tal expressão utilizada no artigo receba um caráter totalizante, o que, a princípio, a afirmação pode parecer reducionista, a tentativa da autora deste artigo foi mostrar que a poeta, de maneira arguta e delicada, conseguiu transpor em palavra poética o problema social enfrentado pela mulher, especialmente africana na sociedade contemporânea.